

Bioética: ¿Crise da bioética ou bioética da crise?

Juan María Cuevas Silva*
Giovanne Mendieta Izquierdo**

DOI: <http://dx.doi.org/10.18359/rlbi.1913>

O processo editorial da Revista Latinoamericana de Bioética tem sido um trabalho dinâmico, caracterizado pelo fluxo de artigos que tratam sobre a vida e seus avatares matizados com o bio-médico, bio-jurídico, bio-filosófico, entre outros temas que têm preocupado a bioeticistas, acadêmicos e intelectuais interessados em difundir o importante que é repensar o sentido da vida, mas matizando o discurso a partir de dois polos: um moralista, éticista especulativo e dogmático que se esquece da realidade; outro, cético, relativista (que também cai num dogmatismo disciplinar, epistemológico e “ético”), pragmático e imediatista. Dois polos que nas discussões bioéticas não têm permitido a este campo inter e transdisciplinar fazer ver o seu verdadeiro valor e sentido dentro dos campos antropológicos, sociológicos, ecológicos, políticos, meio ambientais e econômicos, gestores e impulsores de processos dinâmicos na constituição da humanidade a subjetividade e intersubjetividade contemporânea.

Neste contexto característico do discurso bioético, é legítimo perguntar-se si é uma crise da bioética ou bioética da crise.

A primeira parte do questionamento faz referência a um aspecto que foi evidenciado no processo editorial deste número: se evidencia uma baixa produção de artigos de premer ordem ou o resultado de pesquisa no campo da bioética que contribuem para a realidade de nosso continente. Aos poucos, cada vez que se fez uma chamada para publicar na Revista Latinoamericana de Bioética proliferam artigos de reflexão e discussão teórico conceitual focados em questões que podem ser de importância no interior da sociedade e do discurso bioético (seja eticista especulativo ou prag-

-
- * Mestre em Educação e doutorante em Processos Políticos e Sociais na América Latina. Professor assistente, Faculdade de Educação e Ciências Humanas, Universidad Militar Nueva Granada. Editor da Revista Latino-Americana de Bioética. E-mail: juan.cuevass@unimilitar.edu.co; revista.bioetica@unimilitar.edu.co ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-1680-6223>, Bogotá, Colômbia.
- ** Mestre em Educação e Doutor em Ciências da Saúde Pública. Professor assistente, Faculdade de Educação e Ciências Humanas, Universidad Militar Nueva Granada; coeditor da Revista Latino-Americana de Bioética. E-mail: giovane.mendieta@unimilitar.edu.co ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5085-3242> Bogotá, Colômbia.

mático e imediatista), mas eles não contribuem significativamente para a transformação social e compreensão da realidade atual à luz da bioética. Por exemplo, na Colômbia a voz dos bioeticistas na área do conflito armado, ou melhor, ainda, em um contexto que vislumbra um processo de paz com pós-conflito, não tem sido ouvido de uma maneira contundente, e si há produções que nasceram a partir da pesquisa estas se tem ficado em prateleiras digitais ou repositórios acadêmicos da essência que pertence-lhe a uns poucos intelectuais, onde tendências de matiz moralista dogmática ou relativista pragmático; são evidentes assim, perde valor aquela voz que a partir de uma ciência inter e transdisciplinar pode dar luzes para enfrentar a crise de um conflito armado, que na Colômbia vive-se de uma forma excepcional, bem como em outros lugares da América Latina e do mundo islâmico, judío, americano e europeu.

A primeira parte do questionamento faz referência a um aspecto da ONU, se a Bioética está em crise porque tem criado um espaço de conforto discursivo e não foi capaz de sair para responder o que ela promete, em sua essência como discurso e saber. Deve quebrar a barreira de limitar-se a emitir julgamentos morais e concepções éticas dês contextualizadas para as realidades prevalecentes em cada geografia humana. A crise da bioética está imersa no meio de processos sociais, culturais, políticos e econômicos que por sua vez estão ligados com ações de corrupção estrutural, ações que estão a afetar a saúde pública, a concepção de “qualidade de vida”, a construção de humanidade, o cuidado da natureza, o paradigma econômico capitalista e neoliberal, o deslocamento evidente em todo o mundo, ou seja, uma série de fenômenos próprios da vida que vão além do bio-médico, bio-jurídico e bio-ambiental na concepção tradicional bioética, que desestabilizam o conforto conceitual e teórico do bioeticista latino-americano. Esta crise mundial é uma oportunidade para que a bioética e o bioeticista desloquem-se do seu discurso e avancem a pesquisar realidades sociais para a sua compreensão e transformação, e, assim, superar a especulação ético moral a partir de um dever ser que não é congruente para uma sociedade que procura sobreviver a problemáticas que envolvem a vida. Os dualismos antropológicos, epistemológicos, sociológicos, éticos e morais devem ser resinificados a partir de uma bioética contextualizada das realidades sociais em interação com base em pesquisas de primer ordem.

O anteriormente proposto e desenvolvido de forma sucinta permite evidenciar a segunda parte do questionamento: ¿bioética da crise? Cada período da história tem a sua própria crise, talvez em alguns momentos em que certas crises são mais complexas do que outras, mas no momento histórico atual, no qual tivemos que viver, é privilegiado pelas dinâmicas, processos e fenômenos que nos faz ver a vida como algo inter e multirelacional. O mundo de hoje está se movendo no meio dos avanços tecnológicos dos meios de comunicação de massa; tecnologia da vida

cotidiana dos seres ocidentais (alguns Orientais); fenômenos de corrupção política com viés econômico–estrutural que se tornou pandemia global; exploração mineira no continente latino-americano com um impacto devastador sobre a vida humana, animal, mineral e meio ambiental (no biótico e abiótico); deslocamento forçado (tanto por forças armadas ou forças econômicas que se apropriam dos recursos e territórios); intolerância religiosa e racial cada vez mais evidente no século XXI; perda de autoridade dos adultos e do seu valor social como uma referente para outras gerações; envelhecimento precoce das crianças e jovens por o correr da vida trás do bem-estar econômico hedonista; proliferação e multiplicação das orientações sexuais e de gênero; redefinição do conceito de família, a partir da organização de núcleos de convivência sem ser congêneres; educação como valor conduzido a partir dos interesses econômicos e não ideológicos de sentido de pertença para à produção de conhecimento; presença sensível e óbvia de narcóticos e estupefacientes que permitem uma fuga de esta geografia mundial desolada e desesperante; divisão do mundo entre primeiro, segundo e terceiro mundo, ou pior ainda, entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos. Em suma, é uma crise na qual a bioética deve se mover para fora do seu discurso, deixando o seu conforto teórico e conceitual de ser apresentada como a que faz a avaliação se uma ação é correta a partir de um paradigma ético moral, que termina em uma das duas tendências expostas no início deste editorial.

14

Bioética

A bioética não deve virar as costas à crise que nos acompanha em cada geografia humana e contexto social; pelo contrário, ele deve pousar seus discursos perante fenômenos que afetam diretamente a dignidade humana e tudo o que significa vida ou que alimenta e permite que a vida se desenvolva. La bioética na crise a ficado atordoadada, imóvel, tem-se refugiado em uns saberes que acredita que são únicas, embora tenha a bandeira da inter e transdisciplinarietà; tem-se congelado em modelos paradigmáticos e epistemológicos que fazem com que pareça uma especialidade longe dos processos críticos e reais, que além exigem a superação do eticismo e moralismo (não querendo dizer isto que a ética e a moral não são mais válidas, por o contrario, são indispensáveis mais na justa medida).

A produção de artigos em bioética espera-se que seja em sua maioria resultado de pesquisa de premer ordem, sem desprezar aqueles artigos de reflexão ou revisão, mas é imperativo que a escrita científica bioeticista brinde resposta grave e contextual síncrona à sociedade atual a partir de suas propostas, inquéritos e pesquisas que contribuam para a compreensão dos fenômenos descritos acima a partir da produção de conhecimento com sentido e responsabilidade social.

¿A crise da bioética ou a bioética da crise? É um questionamento que surge, por exemplo, a uma realidade óbvia na que é necessária uma ação a partir da ciência

e o conhecimento, a academia de pesquisa e a atividade intelectual contextual dos bioeticistas e de todos aqueles agentes produtores de ciência e de saber, que têm como preocupação contribuir para a geografia social, ambiental, ecológica, social, política, econômica, para superar assim o discurso paradigmático de julgamentos ético moralistas descontextualizados, sejam dogmáticos ou céticos, que não permitem a análise, interpretação e compreensão das dinâmicas do mundo atual a partir de uma consciência histórica e um discurso síncrono contextual.

Nesta edição encontram-se perspectivas bioéticas dialógicas, propostas para estabelecer reflexões a partir do início da vida humana, passando pelo meio ambiente e o cuidado, estes textos encontram-se fundamentados em ciências médicas, humanidades, filosofia, direito, ecologia. Convidamos os nossos leitores e autores a serem motivados a conhecer as tendências atuais em bioética e para nos apoiar em nossa revista com artigos de investigação que contribuam para satisfazer as necessidades de nossa sociedade atual. A bioética não é só biomédica ou biojurídica, é também um diálogo com o biossocial, biopolítico, bio-econômico, ou seja, é um diálogo inter- e transdisciplinar e com tudo o que envolve e afeta a vida como um todo.